



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Identidade psicológica, auto-organização, inconsciente e o sujeito

Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto

Como citar: MELLO NETO, G. A. R. Identidade psicológica, auto-organização, inconsciente e o sujeito. *In:* BROENS, M. C. ; MILIDONI, C. B. (org). **Sujeito e identidade pessoal – Estudos de Filosofia da mente**. Edição. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003. p189-202. DOI: <http://doi.org/10.36311/2003.85-7139-518-7.p189-202>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

IDENTIDADE PSICOLÓGICA, AUTO-ORGANIZAÇÃO, INCONSCIENTE E O SUJEITO

Gustavo Adolfo Ramos Mello NETO¹

A proposta, aqui, é de aceitar um desafio, que me foi lançado por Maria Eunice Quilice Gonzales:² discutir identidade frente à idéia de auto-organização, que nos vem da Biologia, e penetra as ciências humanas, sobretudo, as chamadas ciências cognitivas. Embora não seja cognitivista, aceito o desafio, e o faço a partir de instrumentos conceituais psicanalíticos, onde o conceito de **eu** torna-se mais importante que o de identidade. Aliás, identidade aí é tomada como identidade do eu. O resultado é mecanicista, mas não posso aceitar que todo mecanicismo é falta de dialética ou excesso de simplicidade.

Começo a reflexão debruçando-me sobre a experiência de mim mesmo e pergunto o que sou. Se por acaso, por um acidente qualquer, não o souber lá estão meus documentos que podem informar, por exemplo, a minha carteira justamente de *identidade*. Vejo, então, que sou alguém de meia-idade, do sexo masculino, com uma certa filiação e uma certa nacionalidade e uma certa naturalidade. Trata-se de dados, entre outros, que me fazem reconhecível entre meus pares, dando-me uma localização singular no genérico das informações sociais. Essa singularidade está no fato de que ninguém mais tem o

¹Professor Doutor no Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, tendo realizado atividades de pós-doutorado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise da Universidade de Paris VII - garmino@uem.br

² Maria Eunice Quilici Gonzalez é Docente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Área de Concentração em Ciência Cognitiva da UNESP – Campus de Marília. Tem publicado em Ciências Cognitivas, sobretudo utilizando o conceito de auto-organização, ao mesmo tempo em que tem promovido inúmeros eventos na área.

mesmo nome, a mesma filiação e etc., organizados nessa mesma disposição. Vamos chamar a isso de identidade *social/institucional*.

Suponhamos que o acidente suposto acima seja um evento amnésico, depois do qual eu não possa senão me sentir alheio a esses dados que me identificam a partir do exterior. Isto é, digamos que sei que sou tudo isso, está nos documentos, mas não sinto que sou. Tem-se, então, que tais dados identitários são exteriores ao meu sentimento e somente se tornam profundamente meus a partir de “dentro”. Isto é, aquilo só é minha identidade se apropriada pelo que sinto ser eu mesmo. A essa identidade apossada, creio poder atribuir o nome de *identidade psicossocial*. Tentei mostrar, em 1993, que essa apropriação não ocorre como um reflexo, mas é um jogo intrincado de construção e desconstrução individual das representações socialmente dadas. Em outro lugar (1997), busquei também mostrar que essa apropriação ocorre na forma de um jogo passivo, seguido de recorte agressivo — e imaginário— do mundo externo.

Essa idéia de identidade a partir de “dentro” nos envia diretamente a *identidade pessoal* (psicológica) como aquela que é sentida pelo sujeito como sendo sua, com ou sem a influência da vida social. Em geral ela é vista como uma unidade, como uma *Gestalt* mesmo. Mais que isso, ela tem permanência. Aí chegamos ao cerne do conceito. Identidade é, antes de tudo, um conceito lógico e ontológico. Sou igual a mim mesmo, $A=A$, e sou o mesmo ser não importando a mudança de circunstância. Tem-se então um nível horizontal, as diferentes circunstâncias em que está o indivíduo, e um nível vertical, que diz respeito à constância da relação identitária no tempo. Sinto-me e sou reconhecido como a mesma pessoa desde que nasci. É aí que entram as contribuições de autores advindos do universo psicanalítico, tal como e principalmente Erik Erikson.

Não creio que o conceito de identidade psicológica, mesmo na pena desse autor, seja psicanalítico, parece-me mais gestaltista, mas era essa a tendência da psicanálise em certo momento e sobretudo nos Estados Unidos nos anos 50, fazer uma espécie de Psicologia do eu, *Ego Psychology*, inspirada em Anna Freud. É Erikson (1975), pois, quem cunha termos como “confusão de identidade”, “consciência da identidade”, “evolução da identidade”, etc.. O que quero ressaltar

é que o autor sublinha, na identidade, a sua unidade — gestáltica — e a sua permanência no tempo. Identidade de quê? Do sujeito? Do indivíduo? Para Erikson trata-se da *identidade do eu*. Isso vai na direção já dada por Freud em “A dissociação da personalidade psíquica” (1933/1991) e em “O ego e o id” (1923/1991) ao apontar que o *eu* é uma espécie de instância psíquica que tende à integração e a funcionar como unidade. Ele não é o todo da vida psíquica, pois haveria ainda os famosos *id* e *supereu*, mas a sua função seria a de unificar todos a partir de sua própria unidade. Aliás, o próprio sentimento de unidade e identidade que temos seria fruto dessa sua tendência. É verdade que esse sentimento de unidade pode ser perdido. Há pacientes psicóticos que se sentem completamente fragmentados, desde o corpo, até a mente. Há também pacientes, também psicóticos e *histero-borderlines*, que ouvem vozes que os acusam e que os defendem, num perpétuo julgamento alucinatório. Pode-se bem ver aí algo superegótico que não está bem integrado na unidade do eu. Se o supereu estivesse formando unidade com o eu, o sujeito não ouviria nada, mas teria sentimentos de culpa e vergonha ou de tristeza. Mesmo no paciente levemente neurótico, o próprio Freud nos avisa, em “Inibição, sintoma e angústia” (1927/1991), que tanto o eu, quanto o id acabam sendo deformados permanentemente pelo recalçamento. Isto é, as representações recalçadas pelo eu, no processo de defesa, formam enclaves permanentes no id; e a defesa, no eu, provoca dissociações e fragmentações. Também, a volta do recalçado, que ocorrerá na forma do sintoma neurótico, incluirá também no eu — sobretudo nele — enclaves, nódulos, insolúveis.

Pois bem, esse último resultado não ocorre somente em neuroses graves, mas também nas pessoas ditas normais, já que o recalçamento faz parte do humano em geral. Temos, todos, enclaves neuróticos no eu, assim como, no dizer de W. R. Bion, núcleos psicóticos. Isso quer dizer que muitas vezes perdemos o sentimento de unidade e identidade. Um exemplo comum está nos atos falhos. Quando um deles nos interpela, isto é, quando cometemos um lapso que queremos explicar a qualquer custo, mas não o conseguimos de forma alguma e isso nos dá um sentimento de desagradável estranheza, estamos, na verdade tendo (também) o sentimento de falta de unidade do eu e de não identidade: “isto, que não controlo e não sei o que é,

sou eu?”. Há a sensação de que o enigma divide ou, de algum modo, fragmenta a existência. É como se houvesse outras consciências dentro da consciência, consciências “inconscientes”. Se se quiser, poder-se-ia dizer, em termos fenomenológicos, que no centro de uma abertura intencional de consciência há inúmeros fechamentos maciços, ilhas, digamos. Esses fechamentos são, a meu ver, numa visão moderna, justamente aquilo que Freud denomina o Inconsciente.

Desse modo, concluo esse raciocínio afirmando que a identidade psicológica (do eu) é não muito mais que um sentimento, acompanhado de uma representação de unidade, que se perde em alguns momentos. É, então, um efeito da tendência unitária do eu, mas que nunca é plenamente alcançada. Muitos autores a chamam de *self*. No fundo esse sentimento identitário e unitário pode muito bem ser uma fantasia de que há um “fora” e um “dentro” da mente, como se a mente fosse um corpo material, e esse dentro tivesse barreiras indestrutíveis, sendo sempre o mesmo no espaço e no tempo. A grande fantasia é o fora-dentro da mente que produz como que um corpo, corpo psíquico, de tal dureza que não pode ser destruído — eis a representação de permanência.

Pois bem é aqui, um tanto influenciado por alguns trabalhos produzidos pelo programa de pós-graduação em Filosofia da Mente, da UNESP de Marília, trago o conceito de *auto-organização* e a partir dele faço não mais que algumas indicações. Para defini-lo, vejamos alguns fragmentos.

Maria Eunice Quilici Gonzales (1998), de quem já falei, referindo-se a Michel Debrun, afirma que a auto-organização

caracteriza, por sua vez, os processos complexos cuja dinâmica de interação entre suas partes constituintes possibilita o estabelecimento de organizações independente de regras fixas preestabelecidas e de um centro organizador único. (p. 8)

Segundo Debrun, citado por Gonzales, trata-se, muitas vezes, da constituição de uma *forma* a partir de múltiplos centros, por vezes, múltiplos sujeitos. Seria o exemplo de uma forma cognitiva, uma habilidade individual, por exemplo, que se desenvolve a partir de um ajuste entre atividades econômicas, políticas e esportivas de inúmeros sujeitos (p. 9).

Vejam, então, que a identidade psicológica em geral tem tudo a ver com isso: são múltiplas as fontes que se ajustam num indivíduo para gerar-lhe uma *gestalt* identitária. É sua identidade social, atribuída a partir de fora, são suas experiências únicas irreprodutíveis, é sua vida particular, são suas relações interpessoais também únicas, mas com inúmeros sujeitos, etc. É importante ressaltar a imprevisibilidade da forma final e a falta de uma intenção consciente e volitiva na sua constituição. O sujeito chega a ser o que pode e não aquilo que quer. O que há de “auto” aí não é o *self-made man*, não é o sujeito se criando a si mesmo, mas, ao contrário, a conjunção de um enorme número de fatores situada além da vontade e da intenção, produzindo algo imprevisível, ultrapassando o sujeito da volição. Na verdade, diz-nos o próprio Debrun (1997, p. 28), as formas auto-organizativas em geral carecem de sujeito propriamente, têm, sim, uma leve subjetividade. Diz:

Longe de o sujeito ser a figura central — ou sempre central — das auto-organizações, podemos constatar que há certa antinomia entre a idéia de sujeito, quando levada ao paroxismo (falando-se de sujeito absoluto ou transcendental) e a idéia de auto-organização.

Caso o sujeito pudesse programar absolutamente, ponto a ponto, a organização, ela não seria auto, mas hetero-organização (*idem*).

A identidade egóica de que estou falando, aquela derivada do pensamento freudiano é, de algum modo, creio, produto de auto-organização, pois é produto da organização que o próprio eu se deu. Na verdade não se deu, senão seria hetero e ele é incapaz disso, ele chegou de alguma maneira a ela. O que o eu teria, sim, seria uma força organizativa anterior a qualquer organização dada, uma força que os gestaltistas também descobriram. A tendência é a formação de uma organização e sempre a mais simples e coerente possível.

Os núcleos organizativos são também múltiplos e não se resumem à força integrativa do próprio eu. Uma força organizativa não necessariamente contém dentro de si a forma final da organização. Um centro organizativo importante são as relações de parentesco. O que somos está sobretudo na possibilidade que tem a linguagem, que

representa a cultura, de nos recortar com seu poder também organizador porque normativo.

Debrun (op. cit., p. 33) fala-nos em *atratores*. Américo S. da Silva (2000), mencionando a TAO (Teoria da auto-organização) de Debrun, refere-se ao surgimento do atrator, num processo de auto-organização como sendo “o evento responsável pelo nascimento de um sentido, direção, ou, ainda, de uma finalidade para a dinâmica compartilhada pelos elementos que estão se auto-organizando” (p. 72). O atrator passa, depois de constituído, a ser, portanto, um centro organizativo já autoformado. Existiria, ainda, segundo Debrun, reportado por Silva (op. cit.), uma tendência ao fechamento. Contudo, seria preciso levar em conta que só é possível um sistema auto-organizado se ele for aberto. A auto-organização, no sentido da TAO debruniana, que, ao meu ver, lembra muito a proposta da Gestalt, necessitaria conjugar tendência ao fechamento, representada pela formação de um ou vários atratores, com abertura para o mundo.

No que tange à identidade do eu, esse eu psicanalítico freudiano, podemos falar dessa abertura, mas com essa tendência ao fechamento, através da constituição de atratores utilizando o conceito de *identificação*.

Antes, é preciso repetir que estou falando em identidade como *identidade do eu*. Isso quer dizer que não é a identidade a organização em si, mas o eu. A identidade é uma característica e um efeito, eu diria, dessa organização. A característica seria a da permanência e o efeito seria o do *sentimento* de permanência e de unidade. A meu ver, o que realmente se aproxima de uma identidade, no sentido lógico e ontológico, é esse sentimento. Isso porque já foi exposto que unidade o eu não é propriamente. Ele a busca, mas está todo o tempo buscando restaurar a sua própria fragmentação, assim como não somos os mesmos desde onde nossa memória pode alcançar. Ao contrário do que sentimos, somos tão diferentes do que éramos na infância que bem poderíamos ser outros agora.

Note-se que falo de um eu na terceira pessoa, falo *dele*. Isso quer dizer que, de maneira alguma esse eu — ego — se confunde com sujeito, com intencionalidade, com projeto de autoconstrução, com *telos*. O eu psicanaliticamente suposto organiza-se muito

possivelmente a partir do encontro do corpo com o mundo, esse último sentido como um fora do corpo — os estímulos externos — e, também como um dentro do corpo — os estímulos internos. Podemos pensar que o eu seria o resultado desse encontro em nossa massa cinzenta, uma organização neuronal. É assim que Freud o supõe em “Projeto de psicologia”. Ali, o autor expõe o eu como “uma organização que perturba decursos que, na primeira vez, consumaram-se de maneira definida [i. e., acompanhados de dor ou prazer]”. Isto é, que influencia processos neuronais antes não influenciados; e a sua produção seria fruto de regularidades. Diz Freud:

Esta organização chama-se eu e pode-se figurá-la facilmente se se pensa que a recepção de quantidades endógenas, repetida com regularidade, de Qh' [quantidade intercelular] endógenas em neurônios definidos [...] e o efeito facilitador [portanto, de formação de rastro] que daí parte, darão como resultado um grupo de neurônios que está constantemente investido. (p. 368)

E a influência, por sua vez, sobre esses processos de recepção e descarga de quantidades neuronais seria notavelmente na forma de inibição dessas últimas.

Sabemos, contudo, que Freud irá cada vez mais se desfazer desse aspecto neuronal e preservar o psicológico desse eu.³ A partir de 1920, o eu será cada vez mais uma espécie de pele articulada. Isto é, será, primeiro, um anteparo entre o psiquismo e os estímulos internos e externos — eis o seu lado de defesa; segundo, desenvolverá funções; e, terceiro, vai se construir num mundo humano, ou seja, pela mediação do outro ser humano.

Novamente, não se trata de intencionalidade. A mediação do outro tem também o que Debrun chama de uma leve subjetividade, pois ninguém constrói ninguém a partir de um projeto ou da maneira que quer, muito menos os pais.

A maneira principal que Freud pensa que o eu utiliza para chegar a sua organização mais definitiva é a identificação.

³ Sobre auto-organização e o Projeto de psicologia, de Freud, é importante ver os textos de Carmen Beatriz Milidoni, professora do Mestrado em Filosofia da Mente e Ciências Cognitivas da UNESP de Marília.

Para o psicanalista, identificação diz respeito a ser — ser como um “original visado”. Tratar-se-ia de um processo em que o eu torna-se como alguém (ou “parte” de alguém ou bicho ou coisa)⁴ que é, então, tomado como modelo. Mas, é interessante que não se trata de identificar-se com o modelo como um todo, mas escolher “partes”. É assim que Freud, em “Psicologia de massas e análise do eu” (1921/1991), fala-nos da jovem que se assemelha a sua mãe por um único ponto: por uma tosse histérica. O “modelo” está, portanto, subsumido por uma parte, por uma metonímia: sou como minha mãe, tusso...

Freud fala em identificação desde as cartas a Fliess. Ali (carta de 2/05/1897), refere-se sobretudo a identificação de pacientes histéricas com criadas e prostitutas, isto é, com figuras que teriam, na suposição da paciente, o desejo que ela, em si, quer negar. Em “Luto e melancolia” (1917/1991) isso se torna mais preciso. Supõe, ali, Freud, que identificação é um processo, de base oral, já presente no bebê, mas que teria um desfecho que poderia ser patológico. É o caso da melancolia, em que o autor cogita que a profunda depressão e o fenômeno de falar mal de si mesmo seriam explicáveis pelo fato do paciente, na infância, ter tido o seu eu identificado com o seu objeto de amor. Como esse amor teria sido de algum modo rechaçado, uma outra instância dentro do eu, a instância do ideal, passaria a atacar a parte do eu identificada com o objeto; “a sombra do objeto caiu sobre o eu”, é a célebre frase de Freud.

Em “O ego e o id”, Freud o retoma e afirma, no entanto, que esse processo parece ser muito mais geral que o esperado. Isto é, que a identificação com objetos não é apanágio da patologia, mas ocorreria de forma inesperadamente universal. Mais que isso, o caráter do eu seria dado por um precipitado de suas principais identificações. Numa outra linguagem: as identificações poderiam ser muitas e funcionariam como *atratores* no processo organizativo egóico. O fato dessas identificações, então, retiraria o aspecto de projeto subjetivo do eu. O eu não teria controle sobre o que chegaria a ser. O único controle que talvez tivesse é a tendência de fazer subsumir o identificado a si, mas esse acaba sendo um processo de resultado incerto e imprevisível.

⁴O próprio Freud falou-nos de identificação com animais e coisas em certas zoofobias e no totemismo. Vide « Totem e tabu » (1913/1991).

Além disso, há vários objetos identificatórios. Falta aí também consciência: o eu, justamente pelo sentimento de unidade que tem, não tem idéia de que se organiza em torno de identificações. Aliás, a experiência mostra que o fato de não sabê-lo ou, melhor, de não se sentir contendo esses atratores é sinal de integração e de certa saúde, digamos. Um paciente pode, por exemplo, ouvir vozes que gritam com ele e isso ser facilmente discernido, até por ele mesmo, em algum momento da terapia, como sendo os pais internalizados, mas não integrados. Aliás, isso tem efeito sobre a identidade. Como se sente esse indivíduo senão como alguém que tem vozes dentro de si? Não pode fugir ao fato de que ouve a partir de dentro, mas não sente que elas fazem parte da sua identidade. Essa última está ligada às vozes, “sou alguém que ouve vozes”, entretanto, não as incorpora “elas não fazem parte de mim” ou, ainda, é “Deus que fala dentro de mim, não sou eu”.

O mais interessante exemplo de atrator da organização egóica, a meu ver, Freud nos dá ainda em “O ego e o id”, quando fala do papel do complexo de Édipo na constituição do supereu.

O exemplo é o do modelo simplificado, o do chamado complexo de Édipo simples e masculino, talvez inexistente na vida real de forma assim tão simples. O menino toma a mãe como objeto de amor, e amor é libidinal, e identifica-se primariamente com o pai. A partir de um certo momento, esses processos de identificação e de amor objetal encontram-se um com o outro, gerando paixão e ódio. O resultado dito normal, como todos sabem, é o de que o menino vai renunciar à mãe como objeto sexual, conservando por ela uma certa ternura, colocando no lugar dessa paixão uma identificação com o pai, uma identificação masculina. Ora, o que se tem aí não é senão a identidade, algo que lhe diz respeito de perto: a identidade sexual do sujeito. O eu, de agora em diante, está marcado por algo que o define no mundo das relações entre os sexos, das relações de parentesco e da própria divisão do trabalho. Um novo e importante atrator, ou melhor, conjunto de atratores, está criado. De interessante está que esse atrator ou conjunto deles não é consciente, não é volitivo e acaba se tornando uma nova estrutura ou subestrutura, a que Freud deu o nome de supereu, pólo ao mesmo tempo crítico e ideal em relação a outras partes egóicas. O aspecto complexo desse processo de

organização pode ser visto quando, por exemplo, Freud chama a atenção para o fato do complexo de Édipo simples ser de longe o mais raro. Mais comum seria o completo. Isto é, o menino toma como objetos libidinais o pai e a mãe ao mesmo tempo e sente rivalidade em relação aos dois, de forma ciumenta. O resultado, em termos de identificações e identidade sexual, seria uma coisa muito mais matizada, “misturando” pai e mãe, identificação e rivalidade em “doses” muito diversas. Em termos auto-organizativos, teríamos conjuntos de atratores mais complexos, estabelecendo relações também complexas e matizadas. Um exemplo dos mais simples seria o de existirem atratores feminizantes subordinados a atratores maculinizantes no caso de um indivíduo heterossexual masculino, gerando possibilidades múltiplas, etc..

Esses atratores, por estarem ligados à sexualidade e ao nível pulsional e, ainda, por ligar-se a representações incestuosas, seriam inconscientes e, pelo seu aspecto defensivo, tenderiam à cristalização.

É nesse sentido então que chamo a atenção para uma certa alienação do eu.

Ele se organiza a partir de algo que lhe foge, pelo menos no plano consciente. Desse modo, a própria identidade teria algo de enigmática e interrogadora: “sou assim não sei porquê; se souber intuo que não suportarei”.

O eu pode incluir isso de si mesmo que o interroga, “sou isso e mais isso e ainda isso outro que sei que é meu mas que não sei o que é”. Como pode, também, na sua tendência a unidade, tomar como não sendo seu e a sua unidade como menor do que ele mesmo é. É o caso do paciente que mencionei que ouvia vozes —elas vêm de “dentro”, mas ele não está certo de serem suas. Pode também ter o sentimento mais ou menos nítido de que não é uma unidade: sente o eu fracionado e não alcança identidade. Mas, de mais importante está que todos, em algum nível, sentem esse fugir da identidade e divisão do eu. Isso possivelmente se dá pelo fato, primeiro, de que essa unidade é um processo e, segundo, pela própria subdivisão do eu, provocada por essas identificações importantes, como é a superegógica.

Frente ao mal-estar que isso pode causar e pelo fato de que essas partes que são inconscientes serem mantidas por defesas, ocorre

o enrijecimento do eu e sua elevação ilusória a categoria de sujeito. Isso está na raiz das neuroses, mesmo nas pessoas “normóticas”. Digo, então, que a psicoterapia teria a função de ajudar a diminuir essa rigidez e de restaurar a capacidade auto-organizativa do eu. A neurose, ou melhor, os mecanismos de defesa que aí militam levam sobretudo a um resultado que lembra muito mais uma partida de jogo viciado. Desse modo, a psicoterapia, seria, ainda, um instrumento de uma espécie de reequilíbrio igualitária dos atratores e centros organizadores do eu. Uma tal restauração, evidentemente, toca nos aspectos identitários. É assim que quando algo, no próprio eu, que não chamava a atenção consciente do paciente passa a fazê-lo, podemos ouvir frases como: “decepcionei-me comigo mesmo”, “não sabia que eu era assim”, “nunca pensei em mim dessa maneira” ou, ainda, “não sou como pensei que fosse”, “estou tão triste comigo mesmo, pelo que descobri que sou”.

Sabe-se que não é fácil, toda mudança que toca o lado identitário do eu implica em sofrimento, temporário, mas profundo, entretanto bastante necessário.

Enfim, devo dizer, vê-se que o resultado da discussão é bem mecanicista. Centrou-se na noção de eu e de organização. É o esperado, tanto a idéia de identidade, como a de organização em psicanálise conduzem ao eu, tomado como uma instância organizada e organizadora. Pois, bem, quero salientar, aqui, que o modelo freudiano de três instâncias psíquicas separadas —o eu, o id e o supereu— pode levar-nos quase que à idéia de três organizações, embora o próprio Freud diga que a única instância organizada é o eu. Aqui, devo dizer que creio que o ajuste do modelo, feito por Melanie Klein (1958/1991), que é o de tomar o eu como única organização contendo as outras instâncias, pode fazer conter melhor tudo que acabei de afirmar. Nesse ajuste, ainda, o id seria apenas o lado pulsional do eu e o supereu seria o resultado, nesse mesmo eu, de internalizações de objetos bons e de objetos persecutórios e se constituiria de várias camadas, umas mais precoces e outras mais recentes.

Evidentemente, faltam muitos pontos a serem discutidos, como, por exemplo, a função do narcisismo primário e secundário aí, o papel das pulsões, a angústia, o determinismo (tanto psíquico como

biológico)⁵ e outros. Entretanto, um problema que me vem de maneira bastante intensa é o da transferência e contra-transferência como auto-organização. Isso sobretudo se concebemos uma e outra como um todo a que se atribui o nome de *campo transferencial*. A palavra campo, “roubada” da física envia justamente para essa noção. Um campo desenvolve relações próprias com e a revelia dos elementos componentes. Essas relações formam núcleos que aqui podemos chamar de atratores.

Ora, a idéia de campo, atribuída ao fenômeno transferencial, não nasce gratuitamente. Sabe-se muito bem que se trata de fenômeno (ou campo de fenômenos) muito pouco explicado e que a psicanálise teve o grande mérito de conseguir não só isolar, mas também retirar o aspecto misterioso de “magnetismo animal”. Mas, sobretudo, trata-se de um fenômeno que ocorre a revelia dos participantes do campo —analista e paciente—, que se organiza com e apesar deles, como se fosse um novo ser, e que dá um destino ao trabalho analítico. A meu ver, esse último consiste justamente em interpretar esse destino, como forma de —na medida do possível— não se deixar atropelar por ele.

Laplanche (1993, p. 218 e sgtes.) relata que já se tentou muitas vezes interpretar a situação analítica como resultado de uma projeção seja do ego ou seja do inconsciente ou seja, melhor ainda, do aparelho psíquico do paciente. Isso é interessante porque traz, precisamente, o sentido de organização, de uma organização que se manifesta “fora-dentro” não só do paciente, mas do par analítico, a meu ver. E, enfim, é possível que a própria idéia de aparelho psíquico, ela sim seja uma projeção (tanto no sentido matemático —geométrico— como psicanalítico) da organização transferencial. Mas isso é material para outro artigo, para uma próxima discussão.

Porém, isso ainda não é tudo. Disse, acima, que o trabalho analítico, consistiria em humildemente buscar-se não ser “atropelado” pelo destino, isto é, pelo resultado da auto-organização. O que surge numa asserção como essa é precisamente o problema do sujeito. Vimos que, segundo Debrun, não seria questão de sujeito nas auto-

⁵ É interessante ver que mesmo no Projeto... a formação do eu, como primeira organização não é aleatória e não deixa de ter antecedentes. Isso porque os caminhos mnemônicos e facilitações que se formam são presididos no mínimo por um princípio biológico, que é da manutenção da vida.

organizações, no máximo, haveria uma espécie de leve subjetividade. Vejamos de novo o trecho:

Longe de o sujeito ser a figura central — ou sempre central — das auto-organizações, podemos constatar que há certa antinomia entre a idéia de sujeito, quando levada ao paroxismo (falando-se de sujeito absoluto ou transcendental) e a idéia de auto-organização. (p. 28)

Ora, o que a psicanálise desde de Freud trouxe não é algo muito diferente disso. O que o mestre de Viena aponta em sua crítica aos filósofos (em “O eu e o isso”, por exemplo) é a fragilidade do “império” da consciência. Em nossa linguagem, trata-se, pois, da fragilidade da idéia de sujeito absoluto, isto é, daquele que tudo determina, como auto-consciência, e que não é determinado, transcende todas as determinações.

Nesse sentido, então, encerro o presente artigo com a idéia de que a auto-organização nos permite pensar o processo analítico, a partir da organização transferencial, como busca, luta, disposição, sempre assintóticas —inalcançáveis no seu todo—, de capturar o destino, que sempre está a escapar.

REFERÊNCIAS

- DEBRUN, M. Auto-organização e ciências cognitivas. In: *Encontro com as ciências cognitivas*. 2ª edição. Marília: Unesp, 1997.
- ERIKSON, E. *Identidad, juventud y crisis*. Buenos Aires: Paidós, 1975.
- FREUD, S. (1933). A dissociação da personalidade psíquica. In: *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, 1991, vol. XXII.
- FREUD, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, 1991, vol. XX.
- _____. (1923). El yo y el ello. In: *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, 1991, vol. XIX..
- _____. (1950/1888-93). Fragmentos de la correspondencia com Fliess. In: *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, 1991, vol. I.
- _____. Duelo y melancolía. (1917). In: *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, 1991, vol. XIV.

- FREUD, S. Proyecto de psicología (1950/1896). In: *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, 1991, vol. I.
- _____. Psicología de masas y análisis del yo. (1921). In: *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, 1991, vol. XVIII.
- _____. Totem y tabu. (1913). In: *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, 1991, vol. XIV.
- GONZALES, M. E. Q. Auto-organização e perspectivismo; algum acréscimo à ciência cognitiva? *Encontro com as ciências cognitivas*. Marília: UNESP, v. 2. 1998.
- KLEIN, Melanie. Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos; 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LAPLANCHE, J. *A tina; a transcendência da transferência*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- RAMOS, M. N. Gustavo Adolfo. *Le social dans la construction freudienne de la psychanalyse*. Paris: l'Harmattan, 1997.
- RAMOS, M. N. Gustavo Adolfo. *O ardil da criança*. Maringá, Pr: EDUEM, 1993.
- SILVA, A. S. *Auto-organização e teoria freudiana das pulsões*. Dissertação de mestrado. Marília: Unesp, 2000.